

corpo pós-trauma, ainda a tentar reexplorar a estrada e o espaço público. Outros provavelmente vão sair mais livres, alegres, com uma forte vontade de vida.

Estas duas formas de o corpo sair da doença, de tentar recuperar, poderão assumir diferentes graus, consoante as pessoas tenham tido familiares que morreram ou estado elas próprias doentes. Em qualquer casa, todos os corpos sairão de uma doença coletiva, uma espécie de hipnose em que estavam centrados na pandemia e nas notícias.

Serão também corpos a sair de um estado de quase letargia depois do inicial estado elétrico. No início da pandemia existia uma intensidade que resultava de um instinto violento que tentava responder, de imediato, a um ataque. Poderíamos definir o ano de 2020 dessa forma. O *Diário da Peste*, escrito no início da pandemia, remete para essa ideia de resposta violenta a uma violência que se recebe.

Em 2021, estamos num ponto completamente distinto. O combate é mais difuso, entrou-se no campo não de uma resposta a um soco, mas de uma resposta a um pântano.

Como responder a um pântano? Muitas vezes o excesso de movimento não é um bom método, como se sabe. As pessoas estão bem confusas, à procura da reação certa a esta tensão que, já não sendo grande, continua a existir, presente, por exemplo, na atenção que se tem de dar a vários os gestos quando se sai de casa.

Tudo isto faz com que a violência sobre o corpo se tenha alterado. A intensidade está mais baixa, mas tem-se prolongado no tempo. Esta constância exige outras capacidades. Se pensarmos em qualidades físicas necessárias para responder aos vários períodos desta pandemia, diria que na primeira fase foi preciso força, uma energia de elevada intensidade, e agora pede-se resistência, uma energia de baixa intensidade mas que não pode adormecer.

O *Diário da Peste* foi a minha resposta violenta a um violento ataque. Por várias razões: orgulho-me muito deste "*Diário da Peste*". JL



► Gonçalo M. Tavares
DIÁRIO DA PESTE

Relógio d'Água, 312pp., 19 euros

ABUXARDA, QUINTA-FEIRA,
10 DE OUTUBRO DE 2019

Lançamento hoje da *Antologia*, ao fim da tarde, na livraria Buchholz. A apresentação ficou a cargo do Pedro Mexia que lendo, aqui e ali, determinadas passagens, valorizou um certo número de temáticas. Sublinhou, ainda, a par do gosto pela pintura, ter sentido ao longo do texto um sentimento de incompletude – Pedro Mexia catalogou-o de “desajuste” – que desde sempre me atormenta à maneira de uma lacuna insanável. Foi, aliás, o que eu próprio disse quando me coube pronunciar umas palavras.

Há alturas assim em que, sem disso sequer nos darmos conta, baixamos a guarda e mostramo-nos tal como somos... O que vale é que ninguém jamais ouve coisa alguma de ninguém, e os que nos ouvem estão distraídos – não faz mal, adiante, que a vida é curta.

Depois fomos jantar a um restaurante muito na berra, algures na Avenida da Liberdade, que fui descendo sozinho e devagar, como se me encontrasse numa cidade estrangeira, aproveitando a excecional doçura da noite.

O restaurante grande, barulhento, sombrio, luxuoso, brilhava de todos os apetrechos na moda. O público indistinto: eles, deliberadamente mal-amanhados, mas com dinheiro; elas, de minissaia e sapatos Louboutin. Outro mundo.

Regressei a casa, feliz por me sentir e saber póstumo...

ABUXARDA, SEGUNDA-FEIRA,
11 DE NOVEMBRO DE 2019

Grande charivari nas hostes europeístas depois das declarações do Presidente Macron, que considera que a Europa poderá sair definitivamente do radar internacional, se continuar sonâmbula como tem vivido até agora. Afirmção que não diz nada de novo, pois é assunto que se arrasta há décadas, mas que uns e outros por pusilanidade mental fingem ignorar.

De resto, há precisamente umas boas dezenas de anos, Raymond Aron escrevia no seu livro *O homem contra os tiranos*: “Os Europeus querem sair da História, da grande História, aquela que se escreve em letras de sangue. Outros, aos milhões, nela querem entrar.”

Estás tudo dito. Cinquenta anos depois o diagnóstico mantém-se válido.

INÉDITO

Marcello Duarte Mathias A Desoras



Marcello Duarte Mathias “Há dois tipos de ceticismo: o que reflete uma segura da alma e o sinónimo de lucidez”

Na sua mais elevada expressão, a saudade é uma forma de espiritualidade, entre o religioso e o místico.

Na sua pior conotação, é uma filosofia para derrotistas e desistentes.

ABUXARDA, QUINTA-FEIRA,
30 DE ABRIL DE 2020

Churchill, por Andrew Roberts. Reconstituição de toda uma época, bons retratos de algumas figuras, radiografia de um homem de exceção, a um tempo visionário e tradicionalista.

Dado curioso no tocante à infância e adolescência de Churchill: nunca seus pais entenderam verdadeiramente quem ele era. A mãe, mulher bonita e volátil, não tinha nem paciência nem tempo para aturar o menino que lhe escrevia, implorando-a por uma resposta. O pai, que morre aos 45 anos com uma doença vizinha da sífilis, tratava-o com uma severidade próxima da intolerância. Não obstante, Churchill sempre o quis emular, tendo-lhe dedicado uma biografia.

Imaginativo, sonhador, homem de excessos, truculento e impulsivo, com a sua dose de mitomania, extravagante como só os ingleses sabem sê-lo, Winston Churchill era uma figura à parte, cultivando a sua natural heterodoxia à maneira de um estilo vida. Até nas suas admirações, diferia dos seus colegas: era filo-semita e pró-francês, tendo por outro lado um

Na sua mais elevada expressão, a saudade é uma forma de espiritualidade, entre o religioso e o místico. Na sua pior conotação, é uma filosofia para derrotistas e desistentes

verdadeiro fascínio pelas virtualidades da palavra escrita, devoção devidamente recompensada com o Nobel de Literatura em 1953. Também a sua oratória, tantas vezes empolgante, lhe advinha desse apurado domínio da língua inglesa, que não se cansava de celebrar. (Tenho para mim que amar a nossa língua é a mais elevada expressão de patriotismo, já que nela coexistem, a par de uma visão do mundo, uma distinta sabedoria).

Ao lado disto, o gosto do risco e da aposta, a paixão pela História, o culto da pátria, a que se aliavam alegria e sentido de humor, servidas ambos pelo dom da réplica sangrenta. Ficaram famosas alguns dos seus ditos.

No fundo, por paradoxal que pareça, dada a linhagem fidalga que era a sua e a longa carreira parlamentar nos Comuns, Churchill era um *outsider* e assim por muitos considerado, a começar pelo próprio que nisso aliás se comprazia. Ser-se aristocrata não é, afinal, assumir com galhardia a sua diferença?

Aos 25 anos, já havia percorrido as fronteiras do Império Britânico, da Índia ao Sudão e à África do Sul, império que ele amava de alma e coração, tendo dado provas de destemor debaixo de fogo, critério que, aos seus olhos, constituía sinal distintivo do caráter de um homem. De resto, anos mais tarde, quando já primeiro-ministro, terá sempre uma deferência especial para com os membros do seu governo que se haviam distinguido em combate, fosse em 14 ou em 40. Demonstrará semelhante atitude para com os seus adversários.

Tudo somado: era homem de rumos e deles não abdicava. Por outras palavras, tinha pulso e tinha nervo.

Como é sabido, Churchill nasce para a História no Verão de 1940, graças à incandescência galvanizadora do seu verbo que reacende o espírito de resistência na alma guerreira do povo inglês. E fá-lo, praticamente, sozinho. Momento privilegiado dado a bem poucos: governar em uníssono com a sua gente!

Duas observações ainda. Churchill é particularmente emblemático,

embora não seja caso único, longe disso, do predomínio do fator humano na edificação da História. Se, de facto, àquela hora, ele não estivesse estado ali, ele, com as suas convicções e indomável energia, outro, bem diferente, teria sido o desenrolar dos acontecimentos... Um homem, uma vontade - a vontade de um homem - e tudo muda de feição. Antiga verdade, tão velha como o mundo.

Segunda observação: Os ingleses consideram que a Inglaterra renasceu e se reencontrou em 1940. Mas: refundiu-se em 1940! Diferente dos demais e ciosa dessa singularidade. Este estado de espírito, que sempre existiu, foi adquirindo redobrado vigor com o passar dos anos, tornando-se patente na progressiva rejeição à Europa de Bruxelas.

Em síntese, o Brexit é filho do Blitz.

Há, fundamentalmente, dois tipos de ceticismo: aquele que reflete uma secura da alma, que é ao mesmo tempo esterilização dos sentimentos e ateísmo da inteligência. Pode facilmente levar à inação, à descrença, ao cinismo. Deixa-te estar onde estás e estarás bem. Muita dessa gente tem a morte dentro de si, ou, sem o saber, já morreu.

E aquele outro, sinónimo de lucidez, que melhor corresponde à belíssima definição de Ruben A.: "Ser homem é ter um ideal e não ter ilusões." (cito de cor). Ceticismo este que abraça num só gesto o esplendor



Winston Churchill "O gosto do risco e da aposta, a paixão pela História, o culto da pátria, a alegria e o sentido de humor"

e a ingratidão da vida como faces de uma mesma plenitude.

Gentes e histórias da velha Europa, ou as muitas reviravoltas do mundo.

Em inícios de 1913, chega à capital austríaca, vindo de comboio de Cracóvia, José Estaline, portador de um passaporte falso em nome de Stravos Papadopoulos. Tinha na altura 34 anos. Quando não esta-

Não lhe falta inteligência, falta-lhe elegância intelectual. É afinal a diferença abissal que existe entre um espírito culto e uma mente estudiosa

va ocupado a redigir o seu ensaio *O marxismo e a questão nacional e colonial*, passeava-se ao fim da tarde no imenso parque do castelo de Schönbrunn.

Ter-se-á cruzado no decurso das quatro semanas de permanência em Viena, como um jovem austríaco de 23 anos, de nome Adolfo Hitler, que se alojara para aqueles lados numa residência para estudantes?

Por volta da mesma altura, em fevereiro de 2013, chega a Viena Josip Broz que passará à História com o nome de Tito. Nenhum deles, por certo, ouvira falar do escritor e jornalista Lev Bronstein, mais conhecido pelo pseudónimo de Léon Trotski, porventura o mais inteligente e culto de todos eles, tido então pelo melhor jogador de xadrez dos cafés de Viena.

Coincidências: no mesmo ano nascia em Barcelona o homem que a soldo de Estaline assassinará, mais tarde, em 1940, na cidade de México, o refugiado-dissidente, Léon Troski.

Não lhe falta inteligência, falta-lhe elegância intelectual.

É afinal a diferença que existe entre um espírito culto e uma mente estudiosa - diferença abissal.

ABUXARDA, SEXTA-FEIRA
14 DE AGOSTO DE 2020

Na Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, exposição de alguns quadros de Manuel Amado, que reencontro como quem se revê numa velha amizade.

Arcadas que abrem para espaços vazios; locais sem vitalidade; casas há muito desabitadas; antigas estações de caminhos-de-ferro, algures em terreolas do interior. Uma das telas intitula-se precisamente "Fim de linha", que em boa verdade poderia servir de título a toda esta exposição, senão mesmo a toda a obra de Manuel Amado, pois tudo aqui se resume a essa imagem de fim de percurso, ausência que é sobretudo um não-regresso.

"Paisagem metafísica", comentou Apollinaire quando viu pela primeira vez a "Piazza d'Italia" de George De Chirico, que mostrava o vazio de uma praça deserta. A tonalidade destas encenações inspira-se nessa mesma memória de coisas que não chegaram a acontecer, ou que logo morreram. Mundo suspenso, não se sabe bem de quê, à semelhança daquela modesta mala abandonada a um canto da sala de espera da estação de comboios. Lugar de passagem, bagagem sem dono, gente que já não voltará. Por aqui, em tempos, passavam comboios - em que dias da semana e a que horas? Ainda os haverá?

Dir-se-á que tudo isto nasceu parado, e assim se deixou ficar sem movimento e sem vida. Mundo entre parêntesis, mundo póstumo, a bem dizer, pois não se avista ninguém. Fim de viagem que mais não é, afinal, do que uma outra forma de desencontro - definitivo este. JL



14ª EDIÇÃO PRÉMIO LITERÁRIO MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

POESIA
2020/2021

VENCEDOR AMADEU BAPTISTA

JÚRI

António Carlos Cortez
José Manuel Mendes - Associação Portuguesa de Escritores
Margarida Vale de Gato

Atribuído em sessão pública, no dia 22 de maio de 2021, pela obra *Escrito na Grécia*

As pessoas são a nossa marca

#LRS #lugaresdecultura

Patrocínio
blueotter
Sustainable tomorrow



www.cm-loures.pt

